CARRANCA

ORGÃO INFORMATIVO DA COMISSÃO MINEIRA DE FOLCLORE –

CMFL – 01-2022–

Janeiro - Março 2022

Editorial

Mineiros e Paulista no Modernismo Brasileiro

Antônio de Paiva Moura
Presidente de honra da
Comissão Mineira de
Folclore

Ao longo de cem anos, a semana de arte moderna de São Paulo vem sendo supervalorizada, dando a impressão de que tenha sido uma revolução cultural do Brasil. O ideal modernista ou as artes de vanguarda já eram conhecidos no Brasil antes de 1922. Sua importância reside no fato de ter feito oposição às comemorações oficiais do Centenário de Independência do Brasil. A semana de arte moderna teve o objetivo de reunir artistas e pensadores em torno da renovação estética das artes brasileiras, contra o formalismo e o tradicionalismo técnico que impediam acesso e fruição do público. Além disso, o que se pretendia era um ajustamento da renovação das artes, em curso na Europa. A Semana de arte moderna aumentou o fulgor do movimento modernista latente em São Paulo e nas grandes cidades brasileiras.

Enquanto em Minas, também, se preparava para comemorar o centenário da independência de uma forma oficial, reforçando a cultura da elite do poder, como ficou implícito na obra "Coletânea de autores mineiros", organizada por Mário de Lima, com apoio do governo mineiro, impresso na Imprensa Oficial, com 490 páginas ilustradas com foto dos autores. O primeiro volume versa sobre a literatura mineira desde os árcades do século XVIII até o Romantismo no século XIX. O segundo volume é sobre historiadores e historiografia, desde os tempos coloniais até o final do século XIX. O terceiro volume trata da oratória de tribunos mineiros no parlamento e na magistratura. Mário de Lima valoriza os discursos como documento histórico e como objeto de contemplação estética.

Conforme Ruy Castro (2022) os modernistas de São Paulo apoiavam a política do café com Leite. Oswaldo, Guilherme de Almeida, Cândido Mota e outros colaboradores de jornais eram filhos de ricas famílias cafeeiras, espécie de dândis, ligados ao Partido Republicano Paulista PRP e a Partido Republicano Mineiro PRM é que conduziam a República, enquanto 70% da população era analfabeta. As leis garantiam sistema eleitoral que não dava resultado contrário aos coronéis. Os principais jornais eram controlados pelo PRP e PRM. Em São Paulo o "Correio Paulistano" e em Minas Gerais o "Diário de Minas". Com a revolta armada de 1924 os modernistas, como narra Blaise Cendras, que havia acabado de chegar a São Paulo, refugiaram nas fazendas de parentes no interior. Oswaldo de Andrade e Tarcila do Amaral se casaram e o padrinho de casamento foi o presidente do Estado de São Paulo, Washington Luiz.

Tudo se resolvia dentro dos quadros do partido único (PRM), o Partido Republicano Mineiro, o frondoso Jequitibá, que abrigava em sua sombra as elites dominantes. Como em São Paulo, os modernistas mineiros tinham boas relações e trânsito com os governadores, como Afonso Pena, Raul Soares de Moura e Milton Campos, à sombra do frondoso jequitibá. Fora do PRM não havia salvação. Mas como afirma Fernando Correia Dias, os modernistas não questionavam apenas a velha ordem literária, caracterizada pelo academicismo, por uma linguagem formalista e pela gravidade vazia. Questionavam também o comportamento da elite do poder, notadamente o autoritarismo e o conservantismo ideológico, instrumento de dominação das oligarquias.

Belo Horizonte, na sua terceira década de existência, ainda carecia de uma população à base das atividades industriais. Constituía basicamente de servidores públicos, comerciantes, comerciários, serviços de transporte, saúde, educação, mecânicos, domésticos e autônomos. Conforme Fernando Correa Dias (1971), os modernistas mineiros eram de classe média, ligados aos serviços públicos como professores, Imprensa Oficial, gabinetes de secretários de estado, legislativo e judiciário. O espírito modernista infiltrou na oligarquia dominante, mas reagiram a falsas premissas científicas conservadoras que queriam impor a inferioridade da raça negra à branca; atribuíam à miscigenação brasileira o atraso econômico e cultural do país e pelo alto índice de criminalidade. Ao contrário, o tabloide suplemento do "Diário de Minas" intitulado "Leite Criolo", fundado por João Dornas Filho, teve o objetivo de valorizar a cultura brasileira pela contribuição dos afrodescendentes.

Para Drummond tradição significava transferência ou transmissão de conhecimento, sem a qual não haveria cultura. A transferência não pode ser estática imutável como queriam os conservadores, mas dinâmica. Transferir o saber do passado de forma recriada, prevalecendo o hoje sobre o ontem. Modernidade significa atualização constante. Menezes comentando "Cadeira de Balanço" diz que Drummond ao explicar o título da obra faz um jogo conceitual de modernidade e tradição. "Cadeira de balanço é móvel da tradição brasileira que não fica mal em apartamento moderno. Favorece o repouso e estimula a contemplação serena da vida, sem abolir o prazer do movimento. Foi o que quis o autor: fazer obra moderna, sem renunciar ao tradicional; sentir e escrever como um homem de hoje, mas guardar fielmente aquilo que a sensibilidade de um foi acumulando pelos séculos". (MENEZES, R. 1978; 47) Mário de Andrade, também, tinha essa concep-

Editorial

ção do tradições como valores culturais. Neste sentido, viajou por todo o paíes em busca das manifestações folclóricas. Da mesma, o modernista Heitor Villa-Lobos, compôs músicas eruditas com base nas tradições afro-brasileiras.

Referências

CASTRO, Ruy. *A vanguarda oficial*. Folha de São Paulo, ilustríssima, 6 de fevereiro de 2022.

DIAS, Fernando Correa. *O movimento modernista em Minas,* Brasília: Universidade Federal de Brasília, 1971.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1978.

Tempo de pensar nossa Modernidade!

José Moreira de Souza

Prezado leitor, você já imaginou o que pode haver em comum com a Semana de Arte Moderna e as Exposições Universais?

Fiz para mim mesmo esta pergunta ao percorrer alguns discursos proferidos solenemente no teatro Municipal de São Paulo durante esse memorável evento.

Encontrei, em *Menotti Del Picchia,* a declaração expressa:

> *Paremos diante da tragédia hodierna. A cidade tentacular radica seus gânglios numa área territorial que abriga 600.000 almas. Há na angústia e na glória de sua luta odisseias mais formidáveis das que cantou o aedo cego: a do operário reivindicando seus direitos; a do burguês defendendo sua arca; a dos funcionários deslizando nos trilhos dos regulamentos; a do industrial combatendo o combate da concorrência; a do aristocrata defendendo o seu fausto; a do político assegurando sua escalada; a da mulher quebrando as algemas da sua escravidão secular nos gineceus eventrados pelas ideias libertárias post-bellum...*
>
> *Tudo isso – e o automóvel, os fios elétricos, as usinas, os aeroplanos, a arte – tudo isso forma os nossos elementos da estética moderna, fragmentos de pedra com que construiremos, dia a dia, a Babel do nosso Sonho, no nosso desespero de exilados de um céu que fulge lá em cima, para o qual galgamos na ânsia devoradora de tocar com as mãos as estrelas.*
>
> *[Menotti Del Picchia. Conferência pronunciada no dia 15 de fevereiro de 1922. Semana de Arte Moderna – in :* TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Europeia e modernismo brasileiro.* 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1986. P.292-293*]*

Pois bem, as Exposições Universais anunciavam o mundo inédito e fora de toda imaginação: A paz possível comandada pela fé na produtividade do trabalho e da necessária competição pelo novo. Era a nova modernidade; aquele "**panta rhei** - de Heráclito!!!

Como não poderia deixar de ser, a Primeira Exposição Universal aconteceu em Londres, no ano de 1851, seguida por Paris, em 1855. 6.039.195 visitaram encantados a capital das mercadorias, seguidos de outros 5.162.330 em Paris. A quantidade de visitantes cresceu exponencialmente a cada nova exposição, alcançando 50 milhões na realizada novamente em Paris no ano de 1900.

O Mundo (?) vivia o Século das Luzes. Alcançou-se o Reino da Mensuração. Adeus à irracionalidade romântica.

O Brasil não ficou para trás. Cuidou de realizar Exposições da Indústria Nacional já no ano de 1861, assim mesmo, muito envergonhado de seu "atraso". *–" A par dos productos, expõem-se sempre os instrumentos com que foram obtidos. Que instrumentos se levarião á exposição? A enchada o symbolo do nosso atraso, e como material de rodagem os nossos carros de eixo firme, e como motor, o braço escravo!".* [Brasil: Relatório do Ministério do Império. 1860] O número de visitantes foi modesto - 18.453 – para elevada quantidade de expositores - 1.136. Note-se que a primeira de Londres contou com "apenas" 13.937 empresas.

Editorial

É claro que o Império cuidou de incentivar exposições provinciais e promover novas exposições nacionais. A segunda se realizou em 1866 e contou com 2.374 expositores, e 53.538 visitantes .

Mônica Martins avalia a "chuva da técnica" que resulta dessa animação:

> *... as Exposições Universais contribuíram para que se consolidasse no Brasil um campo de divulgação artística, agrícola, mercantil e industrial capaz de incentivar os diferentes campos de conhecimento. Premiações e concursos foram promovidos por associações e instituições diversas: a Escola Agrícola de Juiz de Fora, em 1866, premiava os melhores criadores de cavalos; o Imperial Instituto Fluminense de Agricultura propôs ao governo a premiação de agricultores que se destacassem; o mesmo IIFA fundou uma fábrica de chapéus que foram enviados à Exposição de Vienna, considerados excepcionais pelo seu primor; a Academia de Bellas-Artes realizava exposições públicas e premiava trabalhos considerados extraordinários com estudos na Europa; a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional organizou a primeira exposição de floricultura da América do Sul. Além disso, destacavam-se também na Corte as associações científicas, literárias e industriais, que promoviam de diversas formas a difusão do conhecimento: o Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, o Instituto Politécnico, a Sociedade Vellosiana, o Instituto dos Bacharéis em Letras, a Sociedade Ensaios Literários, a Sociedade de Instrução às Classes Operárias, a Associação dos Guarda-Livros. Dentre as industriais destacaram-se a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, a Sociedade Propagadora das Bellas-Artes - com a difusão do ensino através do Liceu de Artes e Ofícios -, o Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, a Associação Tipográfica Fluminense e a Sociedade Auxiliadora das Artes Mecânicas e Liberais (BN, 1873).* [MARTINS, Mônica: "O impacto das Exposições Universais do século XIX para as relações econômicas brasileiras e o avanço tecnológico: uma análise sobre a participação das províncias". XII Congresso Brasileiro de História Econômica. Niterói, 2017, p.14 .]

Chamam minha atenção os autores dos relatórios de participação. No ano de 1873, organizou-se a Terceira Exposição da Indústria Nacional. Pois bem. O relator dessa Exposição foi não outro que o doutor Joaquim Manoel de Macedo. Romancista de *A moreninha?* Muito mais. Joaquim Manoel de Macedo é também autor de *A Rua do Ouvidor; Vítimas algozes* e, na qualidade de membro do Instituto Histórico e Geográfico, incentivo às primeiras pesquisas etnográficas no Brasil. Desse empenho, resultaram as obras – relatório de Theófilo Ottoni *Notícia sobre os selvagens do Mucuri* e *A colonização do Mucuri.* [Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. Organizada e apresentada por Regina Horta Duarte]

Não se há de postular que reine nessa época algo como um "Manifesto" que preceitue normas às narrativas. Contudo, Wilson Martins decreta que, no mesmo ano em que Ottoni responde a Joaquim Manoel, um autor – Macedo Soares – publica o que poderia ser considerado "Um Manifesto do Realismo". Nesse pretenso "manifesto", o autor imagina expor o "segredo da grande poesia, da filosofia do sentimento, da poesia como têm-na compreendido os homens do Norte, (...) e toda a plêiade de poetas e romancistas de que se ufana a sábia literatura dos Estados Unidos. Conseguiremos nós isto?" [MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira.* Vol. III. São Paulo: Cultrix, 1977. P.113]

Digo do atribuído "manifesto realista" em que se sobressai um anti-romantismo, o elogio como modelo a figura de Edgar Allan Poe. Curiosidade, o poema "O Corvo", encantou o modernísimo Fernando Pessoa e nossa companheira da Comissão Mineira de Folclore, muito querida de Mário Andrade identifica no poema Ephialta de José Severiano de Resende – meio modernista, meio parnasiano e meio simbolista, inspiração em "O Corvo" de Poe. Curiosamente, Ephialta se traduz como "Pesadelo".

Faço este percurso para fixar o momento da Semana de Arte Moderna como instante que determina a questão de nossa modernidade nas artes com aspiração a uma modernidade na vida econômica, social e política.

Há sem dúvida uma bela contradição entre a rejeição do futurismo pelos modernistas e o abraço ao folclore como celebração do nacionalismo. Com efeito, futurismo se apresenta como dogmatismo autoritário e folclore como a busca do saber local. Dá-se o caso de que folclore – por mais que procure identidades locais, mais se encontra com arquéipos que celebram o quão humanos somos por mais que recusemos a humanidade do **outro.**

Nesta edição privilegiamos alguns estudos dos membros de nossa Comissão Mineira de Folclore em que esses assuntos são explicitados. Enviamos convites para os membros, Alice Inês Silva: *Arte Moderna e Arquitetura*; Antônio de Paiva Moura, presidente de honra da Comissão Mineira de Folclore; Carlos Ceza de Carvalho: *Contos populares* de Januária, Carlos Felipe de Melo Marques Horta: "Amar Drummond";. Daniel de Lima Magalhães: *A Música*, Edileila Maria Leite Portes: padrões dos artistas

Editorial

que expuseram na área de pintura; Edimilson de Almeida Pereira: percurso na literatura e na pesquisa sobre Minas e os Mineiros; Frei Francisco van der Poel e Frei Leonardo Lucas Pereira: *Arte Moderna e Religiosidade Popular;* Kátia Cupertino *Educação e arte moderna; Luiz Fernando Vieira Trópia:* documentação de artigos publicados no Carranca; Luiz Carlos Mendes Santiago: Contos populares; Mauro Guimarães Werkema: Os Mineiros e a Semana de Arte Moderna; Ione Amaral: *Arte Moderna e Arquitetura;* Míriam Stella Blonski: *Monteiro Lobato e o Modernismo;* Ramiro Esdras: Contos populares; Raimundo Nonato de MirandaChaves: "Canequinha e a Arquitetura Sacra na Arte Moderna"; Ros'elles Magalhães Felício: Contos populares.
Na presente edição apresentamos artigos que resultaram dessa proposta.

— THEATRO MUNICIPAL —

Semana de ARTE MODERNA

HOJE, 13 de Fevereiro

1.° GRANDE FESTIVAL

A's 20,30 horas

No saguão do Theatro, Exposição de Pintura e Esculptura.

Preços para as 3 récitas: Camarotes e frisas, 186$000; cadeiras e balcões, 30$300.

Bilhetes á venda no Theatro Municipal e na Secretaria do Automovel Club.

1822 1922

IMPRENTA DE MELLO & C.ª RIO

Na segunda noite da Semana de Arte Moderna Ronald Carvalho declamou o Poema:

Os sapos

Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
- "Meu pai foi à guerra!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!"
.
O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: - "Meu cancioneiro
É bem martelado.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.

O meu verso é bom
Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.
Vai por cinquenta anos

Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A fôrmas a forma.
Clame a saparia

Em críticas céticas:
Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas..."
Urra o sapo-boi:
- "Meu pai foi rei!"- "Foi!"

- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!".
Brada em um assomo
O sapo-tanoeiro:
- A grande arte é como
Lavor de joalheiro.
Ou bem de estatuário.
Tudo quanto é belo,
Tudo quanto é vário,
Canta no martelo".
Outros, sapos-pipas
(Um mal em si cabe),

Falam pelas tripas,

Que soluças tu,

Transido de frio,

Sapo-cururu

Da beira do rio..

Vaias! Vaias! Vaaias!

Artigos

Raimundo Nonato Miranda Chaves

Meu caro Moreira, tenha um bom dia!

Estou pensando sobre o seu convite. Aliás, estou sempre pensando, já me alertaram que "Cabeça vazia, alhzeimer toma conta"

Desde aquele longínquo 2006 que você é meu guia, sempre me empurrando, outras vezes me puxando, mas esta elevação de agora

é muito íngreme e escorregadia.

Hoje, durante o café da manhã, levantei a questão do modernismo e critiquei aquele moço de Itabira que encontrou uma pedra no meio do caminho

e rejeitou a própria terra. Minha filha Andrea reagiu: Não, pai ele rejeitou o itabirense que havia rejeitado a própria terra deixando que as

mineradoras a destruíssem. E eu só resmunguei Anh,,,

E o Abaporu de Tarsila do Amaral? Não entendo o que ela quis comunicar! Meu pai, você deve ler a respeito. Veja a cabeça pequena a indicar

nossa pouca cultura ou pelo menos o pouco caso que fazemos dela. Os membros - pernas e braços -, fortes e bem desenvolvidos a indicar a

valorização o uso excessivo do trabalho braçal As curvas das magníficas construções do Oscar - a natureza é curva, dizia ele..

Nesta altura,, minha neta Luisa - cursando Comunicação na PUC/MG - , comenta: O modernismo foi o único movimento genuinamente brasileiro, e fala sobre o quadro Antropofagia da pintora Tarsila. e me oferece literatura a respeito do movimento modernista. Eu, diante de tudo que foi dito, continuei resmungando Anh...

A identidade do brasileiro, é claro, faz parte dos estudos. O brasileiro resultante da mistura de três raças formando um povo alegre, brincalhão que ri da própria desgraça, joga futebol e dança carnaval, mas nas pesquisas do professor Amaral, publicadas no livro A Cabeça do Brasileiro, mostram um povo corrupto, que esconde a corrupção no jeitinho, um povo que discrimina o negro, o pobre e o judeu, um povo preguiçoso, individualista, "poouco fubá, meu angu primeiro", atendendo a famosa "Lei de Gérson" usada para exprimir traços do caráter midiático nacional, interpretado como caráter da população, associados ao desrespeito a regras de convívio para a obtenção de vantagem.

Agora pensando na Metodologia de Pesquisa, o primeiro passo: O diagnóstico, a identificação do problema.

Minha primeira questão: Este passo já foi dado/? A identidade do brasileiro está identificada? Se a resposta é sim, para as duas

questões, então devemos verificar se a identidade é mutável e, neste caso, o que fazer para mudá-la.?

Veja meu caro José, como estou aqui querendo colaborar, mas perdido como cego em tiroteio.

um grande abraço

Raimundo Nonato

Isto seria "Moderno"?

Um Galeno foi à caça,
Encontrou um passarinho.
- Espera lá qu'eu te curo!
E matou o coitadinho!

Epigrama - do Pe. Correia de Almeida

Vamos visitar no Facebook:
CNF - Grupo de Idéias

Artigos

Miriam Stella Blonski Blonski

Prof.Moreira,
Que tudo esteja bem com o senhor e família.
Segue o primeiro texto. O segundo ainda demora um pouco. Lá em casa não tem um lápis no lugar. Só tem sujeira, barro e afins.

A turma do Sítio na Semana de Arte Moderna

No período de 11 a 16 de fevereiro de 1922 foi realizado, no Teatro Municipal de São Paulo, o evento intitulado "Semana de Arte Moderna".
Nessa mesma época, no Sítio do Picapau Amarelo, a vida transcorria normalmente, até o momento em que o Visconde de Sabugosa, ao ler alguns exemplares de um jornal, toma conhecimento do importante fato que estava a acontecer. Na oportunidade encontrar-se-iam pintores, escultores, músicos e poetas, grupo este que fazia parte dos assim chamados "modernistas". Foi o que bastou para o nosso sabugo entusiasmar-se, e imediatamente contagiar os companheiros Pedrinho e Narizinho. Eles não podiam ficar alheios a essa explosão de cultura, traduzida por obras, ações, ideias de tão significativo acontecimento. Como concretizar os pensamentos decorrentes de tal notícia? É aí que surge a utilização do mágico pó de pirlimpimpim, que os transportou ao Teatro Municipal, juntamente com Dona Benta, oportunizando a realização da ideia-sonho do Visconde.
Foram dias e noites de encantamento. Puderam assistir à programação, desde a leitura do poema "Os sapos", de Manuel Bandeira, até a apresentação do maestro Villa Lobos, ao piano. Emília, observadora de tudo nos mínimos detalhes, e não podendo deixar passar nada em branco, percebeu que o músico estava calçando sapato num pé e chinelo no outro. A boneca logo veio com uma das suas pérolas expressas sob a forma de um comentário malicioso:
_ Crédo! Esse artista não tem modos? Eu, se fosse ele, ficaria com vergonha por estar descomposto assim.
A Semana de Arte Moderna teve concertos, conferências e exposições de artistas plásticos, como os arquitetos Antônio Moya e Georg Przyrembel, os escultores Víctor Brecheret e W.Haarberg, os desenhistas e pintores Anita Malfatti, Di Cavalcanti, John Graz, Martins Ribeiro, Zina Aita, Yan de Almeida Prado, Vicente do Rego Monteiro e Di Cavalcanti. Também os músicos Villa Lobos e Guiomar Novais. Nas letras pode-se citar os escritores Ribeiro Couto, Ronald de Carvalho, Graça Aranha, Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Menotti Del Pichia.
De volta ao Sítio, frequentemente podia-se ver Emília soltando suspiros profundos e olhar perdido no ontem. A boneca não conseguia se esquecer dos momentos vividos em São Paulo. Em dado momento, jogou jornais para cima e foi procurar Dona Benta, sugerindo, com sua voz fininha e mãos na cintura, a lâmpadazinha acesa sobre a cabeça, atitude dos momentos das grandes idéias:
_ Vovó, o que a senhora acha de realizarmos aqui uma Semana das Grandes Personalidades do Sítio do Picapau Amarelo? É claro que eu serei a mais importante delas, a anfitriã,

Texto idealizado a partir das personagens do escritor Monteiro Lobato.

O Pensamento Moderno

Que são os tempos modernos e o pensamento moderno? Antigamente se sabia muito bem: os tempos modernos começavam no final da Idade Média, concretamente em 1453; e o pensamento moderno começava com Bacon, que finalmente havia oposto ao discurso escolástico o direito da experiência e da sã razão humana..
Era muito simples. Infelizmente, era completamente falso. A história não atua por saltos bruscos; e as precisas divisões em períodos e épocas não existem mais do que em manuais escolares.
[...]
O termo "moderno" tem em geral algum sentido? Sempre se é moderno em toda época, desde o momento em que alguém pensa pouco mais ou menos como seus contemporâneos e de forma um pouco mais distinta de seus mestres.

KOIRÉ, Alexandre. *Estudios de historia Del pensamiento científico.* 2.ed. Madrid/México: Siglo veintiuno, 1978. P.9.

Artigos

Minas e as raízes do Movimento Modernista Brasileiro

Mauro Werkema

A propósito do centenário da Semana de Arte Moderna, que ocorre no dia 22 de fevereiro de 2022, cabe rever a expressiva participação de Minas Gerais no Movimento Modernista Brasileiro. Esta história começa em 10 de junho de 1919 quando Mário de Andrade vem a Mariana para visitar o poeta mineiro Alphonsus de Guimarães, onde fora juiz municipal e já com fértil obra poética que lhe daria, muito anos mais tarde, o reconhecimento como um dos maiores poetas simbolistas brasileiros. Mário relata que "em Mariana, a Católica, fui encontrá-lo na escuridão de sua sala de trabalho, sozinho e grande" e descreve seu encontro como "uma hora de inesquecível sensação a que vivi com ele'. Esta visita trará desdobramentos importantes na história, presença e influência de Minas Gerais no movimento modernista e no estudo, evolução conceitual e preservação da cultura brasileira.

Nesta viagem, Mário de Andrade, que lidera a Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, conhece Ouro Preto e dirá que encontrou, "perdida entre as montanhas de Minas" e preservada, uma "cidade histórica, artística e cívica". Em Ouro Preto e cidades históricas mineiras o movimento modernista identificará os elementos de uma " autêntica arte brasileira", com uma "autonomia cultural" nas Artes Plásticas, na arquitetura, no conjunto da "obra barroca mineira", constituindo um excepcional surto de criatividade de artistas, mestres e artesãos, libertando-a dos cânones estéticos importados da Europa. Com o objetivo de mostrar as cidades históricas mineiras e seu esplendor artístico e cultural, Mário organiza em 1924 a famosa caravana de modernistas a Minas, que assiste a Semana Santa de São João del-Rei, vai a Tiradentes e Ouro Preto. Integraram a caravana Oswald de Andrade, Godofredo da Silva Telles, René Thiollier, Tarsila do Amaral, Olívia Guedes Penteado e o poeta de origem suíça em visita ao Brasil, Blaise Cendrars. E dirão que encontraram no século XVIII mineiro o "lastro cultural de uma identidade nacional".

Já em 1920 Mário publica na revista "Jornal do Brasil" o ensaio "Arte religiosa do Brasil em Minas Gerais" em que aborda a arte encontrada em Ouro Preto, Mariana, Congonhas do Campo e São João del-Rei. E diz que "na arquitetura religiosa de Minas a orientação barroca – que é amor à linha curva, aos elementos contorcidos e inesperados - passa da decoração para o próprio plano do edifício. Aí os elementos decorativos não residem só na decoração posterior mas também no risco e projeção das fachadas, no perfil das colunas, na forma das naves". Em 1928 escreverá sobre Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho e sua obra, dando-lhes dimensão cultural excepcional, promovendo o início da divulgação do seu nome. Outros integrantes da caravana publicam trabalhos sobre a arte barroca mineira, despertando o interesse sobre Minas e motivando várias viagens de estudo às cidades históricas.

O mineiro Gustavo Capanema tornou-se em 1934 ministro da Educação de Getúlio Vargas. O poeta Carlos Drummond de Andrade, um dos líderes do Movimento Modernista mineiro, neste mesmo ano, muda-se para o Rio e ocupa a chefia de Gabinete de Capanema. Em 1935 Mário de Andrade, a pedido de Capanema, apresenta o anteprojeto do Decreto Lei 25, elaborado em sua redação final por outro modernista mineiro, Rodrigo Melo Franco de Andrade. O documento de Mário propõe a proteção do patrimônio cultural brasileiro e orienta a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que ocorre a 30 de novembro de 1937, por ato do presidente Getúlio Vargas. Com inspiração modernista, o patrimônio histórico e artístico nacional passa a ser definido como o "conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja preservação seja de interesse público, seja por sua vinculação a fatos memoráveis da História do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico". O Movimento Modernista, incentivado também pelo centenário da Independência, em 1922, estimula o sentimento nacionalista e refirma a necessidade de o Brasil adquirir uma verdadeira autonomia cultural.

É tardio o despertar da consciência preservacionista brasileira em relação ao patrimônio histórico e artístico edificado. É a principal contribuição da Semana de Arte Moderna de 1922 e que se concretiza com o SPHAN a partir de 1937. Para realizar os tombamentos a equipe do SPHAN pesquisará em todo o Brasil, começando pelas cidades e igrejas históricas mineiras, onde encontrará as "raízes de uma cultura brasileira original", e com "uma originalidade nacional", diferenciada da encontrada nos estados do lito-

ral, bem anteriores ao surto artístico mineiro e tipicamente portuguesas. Mário e seus seguidores dedicaram-se e, especialmente os técnicos da então SPHAN, a buscar explicações para este fenômeno, que ocorre nos primórdios da sociedade mineira setecentista, como herança de uma rápida e conflitiva ocupação territorial provocada pela busca do ouro, do modelo de urbanização e um novo tipo de sociedade, a religião opressora da Contrarreforma e a atuação mais livre das ordens religiosas, as restrições opressivas do governo colonial português, os anseios de libertação e de liberdade, manifestos por uma constante rebeldia, e a consequente formação de consciência crítica decorrente da formação de uma elite que conhece a Ilustração e o Iluminismo que se alastram na Europa nos anos finais do século XVIII. Forma-se nas cidades históricas de Minas "uma sociedade de pensamento", que fala em independência e em república. Aponta-se ainda o surgimento de uma nova classe social, os mulatos brasileiros, de reconhecido pendor artístico, herança de sua condição social e racial.

Mário de Andrade dirá ("Arte Religiosa do Brasil em Minas Gerais") que "foi neste meio oscilante de inconstâncias – a Minas Gerais setecentista – que se desenvolveu a mais característica arte religiosa do Brasil. A Igreja pode aí, mais liberta das influências de Portugal, proteger um estilo mais uniforme, mais original que os que abrolhavam podados, áulicos, sem opinião, nos outros centros". E conclui: "As igrejas construídas por portugueses mais aclimatados ou por autóctones algumas, provavelmente como o Aleijadinho, desconhecendo o Rio e a Bahia, tomaram um caráter bem mais determinado e, poderíamos dizer, muito mais nacional". Mário ressaltará a "opulência mineira no século XVIII" e a "carência paulista de bens históricos".

O SPHAN descobre e relata trabalhos de grandes artistas do período, além de Aleijadinho (Antônio Francisco Lisboa, que vive de 1737/38 a 1814), entre eles Francisco Xavier de Brito, José Coelho Noronha, Francisco de Faria Xavier, Francisco de Lima Cerqueira, escultores e entalhadores, o arquiteto e pedreiro Manoel Francisco Lisboa, o pintor Manoel da Costa Athayde e muitos outros. Mas Minas desenvolvera outros expoentes culturais, resultado da libertação intelectual, na literatura, na música e, já no final do século XIX, no pensamento político iluminista, que leva à Conjuração de 1789, antecipatória do pensamento de república e da independência, alcançada em 1822. Será em Minas que a equipe técnica do SPHAN fundamentará critérios e soluções para intervenções preservacionistas e de restauração, nos elementos artísticos e estruturais das igrejas e construções mineiras coloniais. E realizará pesquisas históricas e avalições estéticas para os processos de tombamento de edificações e seus acervos, nas fontes documentais, livros das associações religiosas, irmandades e confrarias, câmaras municipais. E irá expandir extraordinariamente o conhecimento do processo histórico e das condições e fatores propiciadores do surto de criatividade artística e cultural do século XVIIII mineiro. Pesquisa-se também os artistas mineiros, mestres pedreiros, construtores, escultores, pintores, ornamentistas, entalhadores, carpinteiros. Como também as origens estilísticas e as fases, transplantadas para Minas Gerais inicialmente por artistas portugueses, sob influência da Igreja Católica. Apuram-se as técnicas de intervenção e restauro, critérios de aprovação de projetos, a busca de soluções não desfigurativas do sistema construtivo, sempre objetos de muitos debates que envolviam não só os técnicos do SPHAN mas também estudiosos da cultura brasileira e do fenômeno artístico e cultural mineiro.

Lourival Gomes Machado, estudioso do Barroco Mineiro, autor desta denominação, diz que "em Minas, no século XVIII, manifestou-se artisticamente, pela primeira vez, uma autêntica cultura brasileira", com criatividade e expressões libertas dos estritos cânones importados da arte europeia. Estudos e interpretações mais recentes indicam que ocorreu nas cidades históricas mineiras, especialmente na antiga Vila Rica, "a terceira onda civilizatória das Américas, a primeira no México, com os astecas, na Península do Yucatan e, a segunda, no Peru, em Lima, pelos incas, que foi sede do vice-reinado espanhol na América, complementadas pela cultura esponhola. O fenômeno mineiro possui similaridades com os outros: concorrem em Minas fatores como a povoação rápida e conflituosa pelo ouro, em ação pioneira na ocupação do interior do Brasil-Colônia, o insulamento geográfico em meio inóspito, os conflitos constantes pelo domínio territorial e resistência ao jugo português, o caráter ostentatório do barroco da Contrarreforma católica, conformando um caldeamento de condicionantes naturais e humanos. Serão estes condicionantes singulares de Minas

Gerais que produzirão, já no século XVIII, também obras de literatura, música, arquitetura, pintura, escultura e, até nossos dias, a diversidade e a riqueza das artes das boas práticas do bem viver nos diversos ramos da cultura popular e folclórica, como a famosa culinária e o artesanato. Já em 1733, na inauguração da Matriz do Pilar, em Vila Rica, a procissão de trasladação do Santíssimo, chamada de "Triunfo Eucarístico", revela uma sociedade irrequieta, mas com gosto pelo suntuoso, pela ostentação e pelas exterioridades triunfalistas, típicas do estilo barroco da Contrarreforma, com que o catolicismo contrarreformista, aliado do Absolutismo, procura vencer o protestantismo e a descrença que já nasce com o iluminismo, que alimenta os embates entre a fé e a razão. Nos ornatos das igrejas, nos púlpitos e altares, nas esculturas ornamentais mas, e sobretudo, nas festas das irmandades e festivas procissões, que revela-se o barroquismo, que se torna "estilo de arte e de vida", como nos descreve Affonso Ávila, mestre da decifração do Barroco Mineiro. Comprovam a "rebeldia" de uma sociedade nascente, praticando uma autonomia artística, em meio ao sentimento de liberdade e de autonomia.

Dá-se o "abrasileiramento" da produção artística, emancipatória nos seus partidos arquitetônicos. nos ornatos e soluções plásticas, nos elementos escultóricos, libertando-se do estilo jesuítico e do barroco Ibérico, com a presença dos primeiros "filhos da terra", já libertos da escravidão, dedicados às profissões artesanais, em que demonstram excepcionais talentos. Expressão maior é Antônio Francisco Lisboa, o "Aleijadinho", que nasce de pai português e escrava negra, e que elevará a arte mineira a reconhecimento mundial. Em São Francisco de Ouro Preto, Aleijadinho marcará seu "estilo de passagem', do Barroco para o Rococó. Para Mario de Andrade "na arquitetura religiosa de Minas a orientação barroca – que é o amor à linha curva, nos elementos contorcidos e inesperados – passa da decoração para o próprio plano do edifício. Aí os elementos decorativos não residem apenas na decoração posterior mas também no risco e projeção das fachadas, no perfil das colunas, na forma das naves". Enfim, são considerações resumidas do fenômeno histórico, artístico e cultural mineiro, exaltadas pelo Movimento Modernista que, em fevereiro de 2022, comemora 100 anos da Semana de Arte Moderna e que Minas precisa e reverenciar e exaltar.

mauro.werkema@gmail.com

20.11.2021

A busca modernista de 1922 e sua continuação de contos populares no primeiro centenário 2022!

Carlos Ceza de Carvalho[1]

Ao celebrar o centenário da Semana de Arte Moderna e suas repercussões. Como desafio elegendo pontos frequentados de estudo: Contos populares lembro dos tipos populares pelo Brasil, com destaque aqui dos lugares onde morei e andei, de modo a trazer as reminiscências nessa trajetória como muitos fizeram, com destaque para Mario de Andrade, semanista moderno que fez uma saga itinerante pelo Brasil na busca do que ainda hoje procuramos, no intuito do registro das memórias, de fatos acontecimentos manifestações como por exemplo dos tipos populares ***suigeneris*** em cada localidade nas convivências das pessoas.

Os contos populares em forma de história curta em prosa, por sua vez conservam informal ou naturalmente a fala, expressada sem os pudores de regras, tanto fala ou escrita, escrivinhada! Trata da vida dos outros, mas sem ser fofoca, descreve fatos, acontecimentos ocorridos, não é mentira, mas pode ser aumentada ou dito de forma peculiar, por ser expressão natural das coisas e modo de viver. Portanto, acredito ser a mais libertárias de formas das letras, assim como a música e versos poéticos que por vezes, expressam sentimento sem preocupação de regras. O curioso é que, ao ser dirigido aos vários públicos, quando se pensa no termo significado da palavra popular, engana-se quem pensa que é simples, é tão complexo que não cabe em uma única palavra. Os próprios linguistas, filólogos passam apertado para definir, visto que pode significar "povo" que por si só é amplo, pode também o popular significar "querido pelo público em geral", "dirigido ao povo", "barato". Que nos salvem Houaiss e Aurélio!

Na transição do tempo, os contos podem buscar as reminiscências da infância, um passado, períodos, acontecimentos diversos resumidos em piadas, anedotas causos, há! Os famosos causos do interior ao lado (pé) do fogão de lenha, mas também pode ser em qualquer outro contexto de vivências humanas. E aqui ao invés de reproduzir clássicos, opto em narrar e acontecimentos onde morei na nossa querida e grande Minas Gerais, reminiscências da infância e de ouvir os adultos.

O Caso da Luziária a mulher do saco e o galo cantando na sacola!

Artigos

Em cada cidade do interior brasileiro, existem as lendas casos e causos de homem do saco que vai pegar as crianças e levar quando se comportam mal. Na minha infância e em Cachoeira Escura não! Lá tinha a Luziária, uma figura, uma senhora de olhar assombroso, assustador e os adultos colocavam e transmitiam terror para as crianças, amedrontar era a coisa mais simples, essa senhora tinha umas características físicas, diferentes!

O medo nas estórias de assombração contadas pelos adultos, chegavam a arrepiar os pêlos. Para o interior entre campo e cidade, não havia contos de fadas histórias de príncipe e princesa, isso era para criança hoje chamada nutella, conforme os termos e tempo presente, essa palavra é considerada uma gíria ou meme, (Raiz vs Nutella), ao comparar as pessoas que faziam as coisas do jeito raiz (como era antigamente), em comparação com o jeito nutella (como atualmente, com um pouco de "frescura"). Mostra também o conflito entre gerações, na qual o que era antigo, seria de certa forma mais autêntico e "raiz" do que o agora, onde tudo é gourmetizado, ou nutella, que é uma marca de creme de avelã que se popularizou nos últimos anos e que as gerações mais novas, já nasceram consumindo o produto, principalmente as crianças mais abastadas, dentro de seus apartamentos etc. Nosso caso era de bruxa, Joãozinho e Maria, mula sem cabeça, assombração etc.

Dentro do contexto local, a senhora Luziária que andava pelas ruas do povoado, nos causava medo, suas características físicas e o imaginário ampliado nos faziam sentir um horror, pois a mesma era de estatura baixa, andava com um lenço na cabeça, um saco nas costas, tinha as pernas tortas e uns passos meio arrastado. Quando as crianças da época aprontavam algum ato de rebeldia, ou faziam alguma traquinagem, diziam os adultos que iriam nos entregar para a tal Luziária. Aquilo era um desespero, na mesma hora todos ficavam paralisados e comportavam de forma exemplar e silenciosamente! Naquele tempo, não havia energia elétrica, quando escurecia de acordo com as possibilidades e recursos usávamos um lampião, lamparinas e a luz do fogão a lenha, que naqueles momentos já ficavam aceso para fazer a comida.

Depois de brincar na rua e correr um pouco, ainda não estava incorporado a rotina da escola pela idade, e não ter ensino infantil. No final do dia, nossa irmã nos pegava para dar banho, era um Deus nos acuda! Na bacia com água fria na maioria das vezes, quando o tempo estava frio, com água esquentada no fogão a lenha, dependendo das brincadeiras, as vezes o chão era mais limpo do que nós! O banho era com bucha vegetal, escova de roupa para tirar os caracas (sujeira dos pés), e sempre também no final da tarde, a Luziária passava na rua, como já estávamos recolhidos em casa, olhávamos da greta da porta e das frestas das janelas, tamanho era o medo da nossa mulher do saco!

Também outro caso da Luziária, foi contado por uma de nossas mães protetoras na ausência das mães titulares, ou seja, todas as mães eram solidárias no interior para ajudar a cuidar do filho da outra em sua ausência ou devido á labuta. A dona Antônia mãe do meu amigo de infância Edson, contou pra ele, que me repassou a estória desse "tipo popular", uma personagem diferenciada: segundo dona Antônia in memoriam, a Luziária morava em um distrito de Belo Oriente chamada Bagre, mas andava igual notícia ruim, percorria todos os lugares a pé! Acredito que em busca da sobrevivência, mas disseram que ela "não era meio certa da cabeça", o curioso que a Luziária tinha um casal de filhos sendo a menina Lourdes e o menino Sebastião chamado de "Bastião", talvez pela vida difícil deu a filha Lourdes (tipo de adoção) para o delegado. Nessa época, dona Antônia morava na cabeceira da Marola, nome da Lagoa que tem até hoje na área de uma empresa nipo-brasileira que mexe com celulose. Ao dar a filha Lourdes em adoção para o delegado, arrependeu-se e nesse remorso mostrando uma coragem danada, foi até a casa da autoridade para pegar a menina de volta, aproveitando a distração do dito-cujo que não estava em casa, pegou a menina de volta, roubou as roupas que estavam no varal, fez uma trouxa e colocou na cabeça, e de quebra pegou um galo no quintal colocou na sacola! Imagina a cena, Luziária com a trouxa de roupa na cabeça, o saco nas costas, a sacola com o galo debaixo do braço e ainda pegou a menina que já andava pelas mãos e pernas para que te quero! Passou na casa da dona Antônia, pediu um pouco de água e comida, enquanto isso, o galo cantou e cantou forte! Dona Antônia assustou quando olhou para as bagagens, viu que era o galo dentro da sacola. Dizem que quando o galo canta fora de hora é algo que, sem dúvidas, indica problemas! Luziária disse então que estava correndo do delegado na maior galopeira e que iria dormir no mato, e lá se foi!

Voltando para centenário da semana de arte moderna e os semanistas, o que os contos populares e os

causos tem a ver com isto? Penso que, o movimento modernista revelou a visão de submissão eurocêntrica que os brasileiros se encontravam, apontando que devíamos mostrar as coisas nossas, as vivências e panoramas tupiniquins brasilianos, e quando eles repetiam coisas de moda externa, cometiam o ato de antropofagia, ao transpor os similares com outros valores, mas acima de tudo, um certo nacionalismo ao mostrar que, já vivíamos ou herdamos uma independência concedida por um estrangeiro, não temos os brilhos de quem luta, e naquele momento destoavam do consenso ao mostrarem que nosso herói não era loiro de olhos azuis, bem apessoado, mas sim, aqui nosso herói era Macunaíma, filho do medo , da noite e das matas.

Ao comemorarmos o centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, um de seus representantes o ilustre semanista Mário de Andrade, era um utopista, e por isto considerado hoje tão contemporâneo, ao trazer Macunaíma como um herói ou anti-herói de ficção, essa personagem representa o brasileiro de hoje e de sempre, e porque não, real, visto que povo também tem disto, além de qualidades, peculiaridades.

[1] Membro da Comissão Mineira de Folclore (Bibliotecário, Pedagogo, Historiador aprendente da vida!).

O Octagenário Romeu Sabará e a refulgente energia da vocação!

Marcus Costa - Membro Efetivo da Comissão Mineira de Folclore

Inexoravelmente preso às limitações de tempo e energia que recaem sobre as pessoas de carne e osso, perdi o bonde para enviar minhas palavras para publicação na edição comemorativa do Carranca, 04esp-2021, recém divulgada na segunda semana deste mês de Novembro, em homenagem especialíssima ao octagésimo aniversário do Folclorista Romeu Sabará.

Entretanto, há sempre um lado positivo nos fracassos da vida, e ,aproveitando da situação, li de cabo a rabo o Carranca 04esp-2021, podendo apreciar os artigos dos folcloristas Fabiane Ribeiro, Carlos Ceza, Ramiro Esdras, Wallace Gomes, Edileila Portes, Miriam Blonski, Elieth Amélia, Marina Miranda, Oswaldo Giovannini, Frederico Moreira, José Moreira de Souza e Carlos Felipe. Como escrevem bem os entusiastas da Comissão Mineira de Folclore! Como é bem servido aquele leitor que dedica tempo para ler o Carranca! Pois bem, juntei minha inspiração e escrevi esta breve mensagem. Sempre é tempo, antes tarde do que mais tarde.

Romeu Sabará afortuna aqueles que podem gozar de sua companhia, transmitindo a todo tempo o seu traço mais marcante - a refulgente energia do estudo e debate do folclore, sempre em contraposição aos demais estudos e instituições de pesquisa. No entanto, apreciar a riqueza de Romeu não é para qualquer um, é preciso saber ouvir, conversar e entender o que expõe e defende, sem cair na armadilha do impulso egoísta de externar de imediato qualquer divergência com o pensamento próprio, contestando na primeira hora. É necessário um comportamento oposto ao que vemos hoje em nossa sociedade de mercado consumista, de satisfação de todos os desejos imediatos, focado na paparicação e infantilização do "cliente". Para apreciar Romeu, pare, escute, entenda. Como pode um senhor de 80 anos tem tanto vigor para confrontar e defender suas ideias? Pronto, você já está no caminho…

Em sua obra "Antropologia e Folclore: ambiguidades e preconceito", para comentar um de seus trabalhos, Romeu conduz o leitor em uma viagem na indústria da academia e do estudo, mostrando as faces internas menos glamurosas de preconceitos, rejeição, classificação e imposições do poder constituído. O Folclore, com "F" maiúsculo como diz Romeu, disciplina que estuda o folclore como fato sociocultural, atravessa uma história de acolhimentos e expulsões de diferentes grupos de estudiosos. Os preconceitos, que instrumentos de exercício do poder, tanto atingem o folclore quanto são usados por ele para atingir outros indivíduos ou grupos. É uma visão direta, áspera e não por isso menos interessante do meio dos estudiosos.

Minha experiência pessoal mais recente com Romeu, foi ao momento da colheita de assinaturas e realização de procedimentos para transição da Diretoria da Comissão Mineira de Folclore. Encontrei um folclorista cheio de energia, ideias e vontade de realizar estudos, articulações e conversas para a construção e debate coletivo do folclore. A bem da verdade a própria disposição em assumir a presidência da Comissão Mineira de Folclore já basta. O exercício genuíno da política para a sustentação de uma ideia é o mais nobre exer-

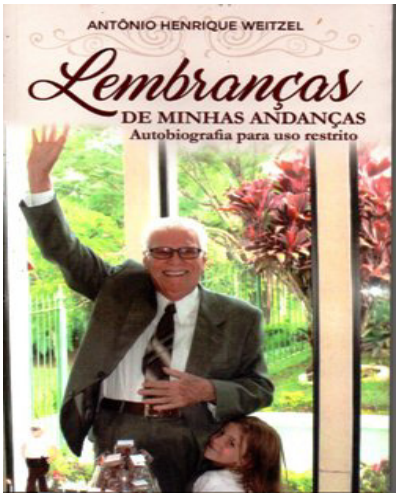
cício de doação à comunidade. Das atividades mais exigentes e mais ingratas, que sugam tudo e devolvem nada. Por isso existem mandatos: nenhum ser humano com instinto de auto-preservação (ninguém nasceu para ser mártir!) aguenta uma doação dessas por muito tempo. Contando que a doação seja mesmo doação.

Por essas e por outras, um efusivo feliz aniversário ao fulgente Romeu Sabará. Se juntando agora ao seleto grupo dos mestres octagenários da Comissão Mineira de Folclore!

Ingressam na Banda da Bênção

Frei Leonardo Lucas Pereira celebrará 80 anos no dia 23 de março e nós com ele.

Nosso professor Antônio Henrique Weitzel celebrará os gloriosos 90 anos no dia 21 de abril. E nós com ele.
Weitzel nos garantiu que fará todo esforço para nos abençoar ao completar Cem ANOS.



Entre folclorismo, etnomusicologia e modernismo: Manoel Ambrósio, João Paranhos & Mario de Andrade

Por Ramiro Esdras Carneiro Batista[1]
& Pedro Borges Pimenta Júnior[2]

Por ocasião do primeiro centenário da independência do Brasil, em 1922, parte da elite letrada brasiliana – melhor dizer paulistana – foi constrangida a assistir a explosão da Semana de Arte Moderna, movimento de libertação estética e literária que preconizou, para além de livres experimentações em diferentes modalidades artísticas, a apropriação de linguagens, estéticas e saberes até então considerados populares, no afã de se encontrar um caminho para as letras e as artes que detivesse um caráter nacional. Nesse sentido, é possível dizer que o projeto modernista visou comprimir (no interior de um movimento estético, artístico e literário) uma ideia de nação ou povo que não levava em consideração as inúmeras peculiaridades do Brasil, país com uma das maiores diversidades étnica, cultural, linguística e racial do mundo (OLIVEIRA, 2016).

Repetindo antigas práticas a partir de novas roupagens, o vanguardismo à brasileira pretendeu um encontro com a identidade popular esquecendo-se de seu protagonista principal, o povo, visto que o evento fora operado por uma dúzia de homens brancos[3] e francófilos[4], tendo sido realizado dentro do Theatro Municipal de São Paulo, casa conservadora e elitista. De genuinamente "brasileiro" percebe-se, talvez, a explícita misoginia e o colonialismo de gênero, da qual nos salva a grata atuação da genial Anita Malfatti[5].

---

[1] Antropólogo & Educador. Membro da CMFL. Professor do Magistério superior (UNIFAP). Estudioso do legado Ambrosiano.

[2] Mestre em Estudos Literá rios. Educador vinculado ao IFNMG, membro do IHGMC e pesquisador da obra do escritor Manoel Ambró sio.

[3] De fato, a maioria dos ícones de 1922 eram homens brancos. Contudo, tal informação não pode servir, exclusivamente, para encerrar o debate a respeito da valorização negra no evento, especialmente quando se vislumbra que houve um esforço, a partir desse momento, para incluir a cultura afro-brasileira no horizonte da arte nacional. Também é importante ressaltar que Mário de Andrade era negro. Segundo Moacir Werneck de Castro (2016), a escritora argentina María Rosa Oliver teria ouvido de Mário, em resposta aos questionamentos por não aceitar

Não obstante o elitismo-popularesco de nossa vanguarda eurocentrada, elitista e machocêntrica, a efeméride merece ser escrutinada e mesmo comemorada, por ter se constituído na historiografia como um dos marcos fundantes da busca por uma identidade nacional[6] e, em consequência, em um espaço de reflexão importante sobre quem podemos e idealizamos ser. O centenário pode ser importante, ainda, para compreender a participação de outros atores, fora do eixo paulista, no evento. É o caso, conforme estudos da professora Ivana Rebello (2022), de Agenor Barbosa, jornalista e poeta mineiro. Nascido em Montes Claros – MG e educado, desde a infância, em Belo Horizonte e no Rio, Barbosa recitou o poema "Os pássaros de aço", de sua autoria, no segundo dia da Semana e esteve próximo de nomes como Menotti del Pichia e Mário de Andrade (1893-1945), antes e durante o evento. Foi repórter e cronista de importantes jornais como *Correio Paulistano* e "arroz-de- festa" nos círculos literários da capital paulista. Embora não tenha representado uma ruptura com a ordem vigente ou, muito menos, elaborado um manifesto político, o elitismo-popularesco da Semana foi, segundo Antonio Candido (2006), "um esforço para retirar à literatura o caráter de classe, transformando-a em bem comum a todos". Razão pela qual expoentes como Mário de Andrade e Oswald de Andrade "Mergulharam no folclore, na herança africana e ameríndia, na arte popular, no caboclo, no proletário", trazendo à tona componentes "abafadas" ou "deformadas" da cultura popular para colaborarem na formação de uma nova "consciência artística" (CANDIDO,2006, p.172).

Com a pretensão de revolucionar as artes e letras nacionais, a Semana de 1922 pôs na vitrine em que se transformou o Teatro Municipal não apenas um panorama da efervescência cultural de São Paulo, mas também um contingente de expressões artísticas amalgamadas nas ideias discutidas naqueles dias. Foi isso que Graça Aranha (1925) enunciou, grosso modo, na célebre conferência inaugural, do dia 14 de fevereiro: "Uma vibração intima e intensa anima o artista neste mundo paradoxal que é o Universo brasileiro, e ella não se pôde desenvolver nas fôrmas rijas do arcadismo, qúe é o sarcophago do passado. Também o academismo é a morte pelo frio da arte e da litteratura" (ARANHA, 1925, p.20).

Essa "vibração íntima e intensa" está presentes nas composições de Villa-Lobos executadas durante os três dias de festival. Exemplo disso são as "Danças características Africanas", apresentadas na primeira noite, nas quais, segundo Flávia Toni e Camila Fresa (2021, p.40), "nota-se a utilização da música popular ou folclórica".

Esse interesse em emprestar à produção artística um "caráter brasileiro" também é recorrente em Mário de Andrade, sobretudo pela pesquisa sobre o folclore nacional que realizou. Embora não se reconhecendo como folclorista, o intelectual dedicou sua vida a pesquisar e catalogar a cultura popular brasileira. Segundo Arnaldo Contier (1994), o autor de *Amar, verbo intransitivo* entendia que o folclore deveria ser "a principal fonte temática e técnica do compositor erudito preocupado com a criação de uma música nacionalista e brasileira, durante as décadas de 1920 e 30" (CONTIER, 1994, p.33).

Mário de Andrade mergulhou fundo nas manifestações folclóricas brasileiras, ora viajando para conhecê-las e registrá-las *in loco*, ora travando correspondência com folcloristas, poetas, intérpretes e compositores de todos os cantos do país. Entre os missivistas que remeteram materiais a ele estão nomes como Câmara Cascudo. Na comunicação com o mestre potiguar, reunida no livro "Câmara Cascudo e Mario de Andrade: Cartas 1924- 1944" (Global, 2012), vê-se que o paulista recebia informações valiosas.

convites para ir aos EUA: "Não aceitei. Você não sabe que tenho sangue negro?" (CASTRO, 2016, n.p.). As pesquisas mais recentes sobre a Semana têm destacado que, mesmo pregandoa incorporação de elementos das culturas afro-ameríndias nas artes brasílicas,autores/compositores/artesãos negros e indígenas não foram considerados sujeitos dessa produção.

[4] A influência francesa no panorama artístico nacional, naque le momento, era inequívoca. Contudo, embora imersos na cultura gálica, obviamente havia o caráter antropofágico do grupo, proclamado no famoso manifesto de 1928, que mimetizava a cultura local na estrangeira. Se, por um lado, havia aqueles que preferiam "devorar" a cultura estrangeira, havia outros que desejavam tirá-la de foco um pouco. Assim, conforme Moacir Werneck de Castro (2016), Mário de Andrade começou a aprender alemão para se livrar da "francesice", ao passo que escrevia a Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, criticando lhes o "parisianismo".

[5] Segundo Elizabeth Travassos (2000, p. 19), a dura crítica de Monteiro Lobato à exposição de Anita Malfatti realizada em 1917, "catalisou artistas, poetas e jornalistas, a maioria deles jovens, em torno da ideia de celebrar o Centenário da Independência, cujos festejos oficiais estavam em preparação, colocando na cena cultural a polarização entre modernos — chamados genericamente de 'futuristas' — e 'passadistas'. Essa celebração seria a Semana de Arte Moderna.

[6] Não se pode olvidar os esforços dos românticos em engendrar a tão desejada "identidade nacional"

Artigos

Numa das cartas enviadas a Cascudo, Mário refere-se, por exemplo, ao escritor, jornalista e folclorista januarense Manoel Ambrósio Alves de Oliveira (1865 - 1947), citando-o como uma das fontes às quais colheu histórias para o seu célebre *Contos tradicionais do Brasil*, de 1946, obra em que fez constar versão resumida do conto *Audiência do capeta*, extraído de *Brasil Interior*, de Ambrósio (1934).

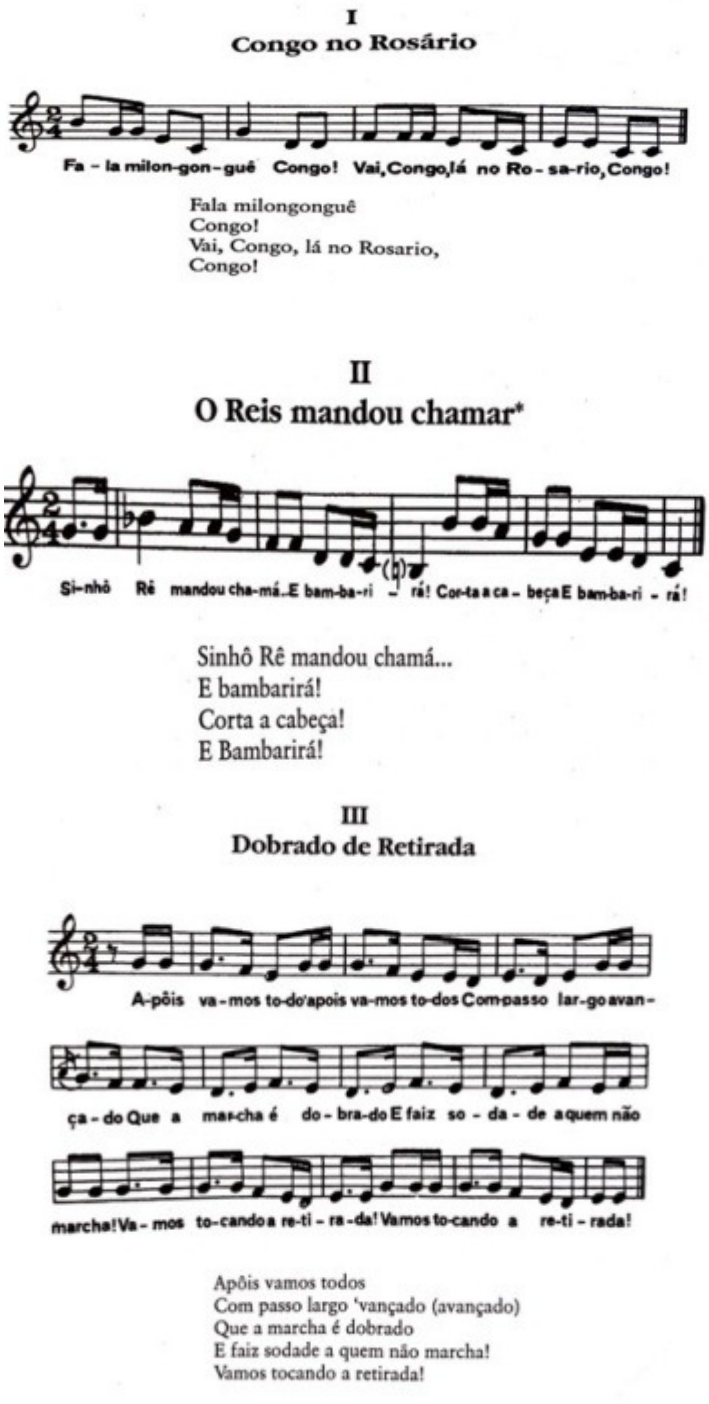
A propósito do folclorista januarense, para hoje pretendemos empreender comentários preliminares sobre o entrecruzamento e possíveis trocas intelectuais entre Mario de Andrade e Manoel Ambrósio, o primeiro, produto da paulicéia desvairada; e o segundo, um polivalente literato sertanejo. Trata-se do encontro fortuito do modernista com alguns manuscritos de Ambrósio, constantes de um acervo particular e que vêm à luz na obra *Danças Dramáticas do Brasil* (2002), na qual Mario reproduz partituras ambrosianas, ao tempo em que comenta:

> Peças dum livro inédito, do folclore do Alto São Francisco, escrito por Manuel Ambrósio e João Paranhos, que o datam em 1897. O manuscrito, achado entre os papéis de Sylvio Romero, já esteve na Biblioteca Nacional, e hoje pára nas mãos dum escritor bahiano. Estas cópias me foram oferecidas pela cantora Germana Bittencourt e seu marido, o escritor argentino Juan Vignale. Se percebia pelas cópias, que os folcloristas grafavam música com dificuldade, **pelo que fui obrigado a leves reajustes de texto a melodia**. Mas é óbvio que não modifiquei som nem palavra, e conservei toda a essência do ritmo. As duas primeiras peças parecem de execução responsorial, com um verso dado pelo solista e o verso seguinte, que faz de estribilho, cantado pelo coro. A primeira peça deverá ser um desses dobrados de marcha, ou então uma cantiga. O texto da segunda parece indicar a parte dramática da dança, o que na terminologia popular dos *Congos* se chama '*Embaixada*' (ANRADE, 2002, p.770, grifo nosso).

Mesmo tecendo críticas ao suposto amadorismo de Ambrósio e de João Paranhos[7] decorrentes do modo como os folcloristas registraram o patrimônio musical das barrancas sanfranciscanas, Mario faz justiça à fonte, deixando claro que seus "ajustes" não pretendiam interferir no texto ou na melodia, mas antes melhor traduzi-los para que os eruditos da música pudessem operar com aquele saber.

Antes de qualquer coisa é preciso levar em consideração que o modernista referia-se a cópias de um manuscrito remetido pelos sertanejos a Romero, não se podendo saber, ao certo, de que forma tal cópia chegara ao paulista: houve intervenções empreendidas por Germana Bittencourt e por seu marido? Por isso mesmo, não é possível compreender que tipo de modificações foram feitas por Mário, ainda que leves.

Abaixo, imagens do congado sanfranciscano reproduzido por Mario de Andrade:



Imagens I, II e III: Peças de antigo *Congo* do rio São Francisco, registradas por Manoel Ambrósio e João Paranhos em fins do século XIX. Fonte: Andrade (2002, p. 768-769)

[7] Não há dados biográficos consistentes sobre João Paranhos. O historiador Antônio Emílio Pereira (2013) informa que atuara como regente das filarmônicas *Apolo* e *A Lira*, ambas de Januária – MG.

Assim, por um lado, sob a perspectiva de uma mirada folclorista, o comentário de Andrade pode ser lido como uma espécie de ranço academicista, visto que a música crioulizada apresentada nas partituras de Ambrósio guarda fidelidade à variante popular (SABARÁ, 2021). Dito de outra forma, aparentemente os vanguardistas buscavam a essência dos saberes populares, desde que neles se pudessem operar "ajustes". Tal episódio permite supor, por conseguinte, haver limites para, dentro da proposta modernista descortinada durante a Semana de Arte Moderna, a propalada ausência de formalismo, a ruptura com as academias e com a dicção parnasiana e para a valorização da cultura e da linguagem coloquial brasileira.

Por outro lado, considerando os estudos de Elizabeth Travassos (2000), é importante afirmar que Mário de Andrade não se considerava apto a adotar os "requisitos de teoria e método" exigidos pelos estudos de folclore, delineados por Amadeu Amaral trabalho (TRAVASSOS, 2000, p. 40). Segundo a pesquisadora, Mário tinha consciência das limitações técnicas de seu trabalho:

> ao anotar melodias que encontrava em livros, que os amigos e alunos lhe levavam ou que ele mesmo recolheu nas viagens de pesquisa, [Mário] geralmente acrescentava observações sobre a validade dos documentos para o conhecimento do folclore. Quando a cantiga chegava a seu conhecimento por meio de pessoas cultas da cidade, procurava elucidar se a fonte original era de fato popular e se o processo de transmissão não impusera distorções (TRAVASSOS, 2000, p. 54).

Havia na década de 1920, de certo modo, uma pactuação (entre os indivíduos que coletavam o material folclórico e aqueles que realizavam o "processamento artístico") para aceitar esses "ajustes" com relativa tranquilidade. Daí a postura cheia de dedos do escritor, quase contraditória, em assinalar que fora "obrigado" a fazer leves modificações, embora não tivesse mudado "som nem palavra" e conservando "toda a essência do ritmo" (ANDRADE,2002, p. 770).

O método de coleta e a "adaptação" do material folclórico à linguagem acadêmica são, portanto, questões que fragilizam o ideário modernista. Conquanto não se possa acusar Mário de Andrade de conspurcar as músicas que, diligentemente, Ambrósio e Paranhos registraram, não deixa de ser curioso confrontar essa passagem à interessantíssima fala de Graça Aranha sobre o academicismo, colhida da conferência pronunciada na primeira noite da Semana de 1922:

> Também o academismo é a morte pelo frio da arte e da litteratura. Ignoro como justificar a funcção social da Academia. O que se pôde affirmar para condemnal-a é que ella suscita o estylo acadêmico, constrange a livre inspiração, refreia o joven e ardego talento que deixa de ser independente para se vasar no molde da Academia. E' um grande mal na renovação esthetica do Brasil e nenhum beneficio trará á lingua esse espirito acadêmico, que mata ao nascer a originalidade profunda e tumultuaria da nossa floresta de vocábulos, phrases e idéas (...). Também se estende ás artes plásticas e á musica. Por elle tudo o que a nossa vida offerece de enorme, de esplendido, de immortal, se torna medíocre e triste (ARANHA, 1925, p. 20-21).

Portanto, entre a vontade de inaugurar o Brasil moderno e a necessidade de romper com os cânones estéticos e literários do passado, pode-se entrever as ambiguidades e preconceitos que cercam a noção de folclore e saberes populares, o que enseja a possibilidade de estabelecer "remendos e ajustes" no patrimônio musical consultado. Por fim, apontando para pesquisas e reflexões futuras nesse tema, faz-se necessário verificar se, em *Danças Dramáticas do Brasil* ou em outras obras dedicadas ao estudo do folclore, Mário de Andrade manteve a prática dos ajustes. Em outra direção, é também importante avaliar, do ponto de vista das academias, o papel de Manoel Ambrósio na cadeia de estudos da cultura popular: mero coletor de achados? Essas duas linhas de investigação podem ajudar a compreender a dimensão do trabalho dos mestres folcloristas brasileiros na primeira metade do século XX.

Referências

ARANHA, Graça. **Espírito Moderno**. Cia. São Paulo: Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925.

ANDRADE, Mario de. **Danças Dramáticas do Brasil.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 3 ed., Ouro sobre azul: Rio de Janeiro, 2006.

CONTIER, Arnaldo. Mário de Andrade e a Música Brasileira. **Revista Música**, *[S. l.]*, v. 5, n. 1, p. 33-47, 1994. DOI: 10.11606/rm.v5i1.55070. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/55070 . Acesso em: 30 jan. 2022.

CASTRO, Moacir Werneck de. **Mário de Andrade: exílio no Rio**. 1 ed. São Paulo: Autêntica, 2016. [E-book não paginado]

FERRANTE, Ivana. Dois artistas de Minas Gerais na Semana de Arte Moderna: revisão e descentramento do modernismo de 22. **Scripta**, v. 25, n. 55, p. 212-246, 11 jan. 2022. Acesso em: 30 jan. 2022.

Por onde andamos

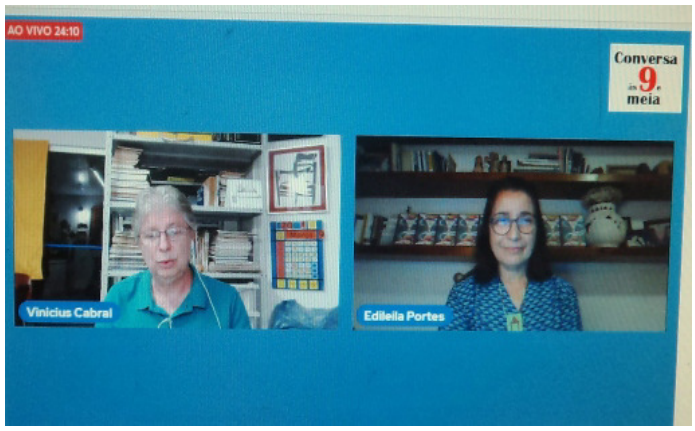
MORAES, Marcos Antonio de. **Câmara Cascudo e Mario de Andrade: Cartas 1924- 1944**. São Paulo: Editora Global, 2012.
OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: "pacificação", regime tutelar e formação de alteridades**. Rio de Janeiro : Contra Capa, 2016.
OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. **Brasil interior: palestras populares e folk-lore das margens do S. Francisco**. São Paulo : Monção, 1934.
PEREIRA, Antônio Emílio. **Memorial Januária**: terras, rio e gente. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza, 2013, 704 p.
SABARÁ, Romeu. **Antropologia e Folclore**. Belo Horizonte: Edição do autor, 2021.
TONI, Flávia; FRESCA, Camila. "Três festas de Arte" ou a Semana que sacudiu São Paulo. In: TONI, Cláudia *et al*. **Toda semana**: música & literatura na Semana de Arte Moderna. 1 ed. São Paulo: Selo SESC, 2021, 185 p.
TRAVASSOS, Elizabeth. **Modernismo e música brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

Por onde andamos

Conversas às quartas feiras com Vinícius Cabral

Por gentileza de Vinícius Cabral e Edileila Portes todas as quartas feiras, a partir de fevereiro de 2021, a Comissão Mineira de Folclore desenvolveu amplas conversas como nossos membros estudiosos em que se destacaram os seguintes temas:
16 de agosto: Edileila, Tau Brasil e José Moreira: Para apreciar o livro "*Herdeiros das Origens*".
***18 de agosto: Saber Fazer a Festa* – Credenciamento da Cultura Popular**
1 setembro: Amanhã, dia 01 de setembro, vamos conversar com Alba Dutra Bhasin para iniciar e anunciar a Primavera.
Assunto: As escolas prestam atenção no saber que os alunos trazem? Alba vai conversar sobre essas coisas e muitas mais.
É claro que Vinícius Cabral estará animando a conversa.

6 de setembro – noite de segunda feira: Brasil, a formação do Estado nação e a memória popular.
15 de setembro: Lúcia Tânia Augusto – Pensar a Educação – Clube da Maturidade
22 de setembro: Primavera começa com Música, raízes da Vesperata em Diamantina. Convidado folclorista Wander Conceição.
29 de setembro: Privatização do Lazer - Festas e diversões
6 de outubro: Saber Viver às margens do Rio das Velhas e do São Francisco.
13 de outubro: Criança, Infância, Educação e Cultura – Semana da Criança e Semana do Professor - Convidado Professor doutor Raimundo Nonato de Miranda Chaves
O convidado dessa quarta-feira é o Dr. Raimundo Nonato de Miranda Chaves, que fala sobre o seu livro "Camilinho: escola de vida", com a interlocução do folclorista José Moreira de Souza e do Jornalista Vinicius Cabral.
20 de Outubro: Razão das Festas nas Comunidades . Convidado Professor doutor Raimundo Nonato de Miranda Chaves



Por onde andamos

AGOSTO: Januária Saiu na Frente.

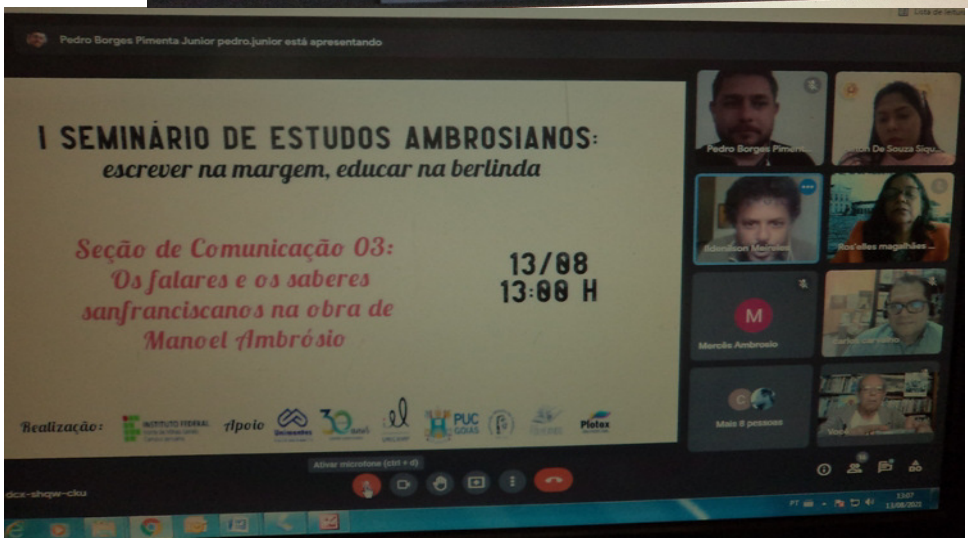
Primeira Semana de Estudos Ambrosianos. 11 a 13 de agosto

De Januária para o Mundo!

Inicia-se no dia 11 de agosto, a I Semana de Estudos Ambrosianos.

Trata-se de iniciativa de elevado interesse para compreender a saga de um menino que nasceu em Januária no ano de 1864 e se aventurou pela vida como Educador, jornalista, estudioso do saber viver às margens do São Francisco, compreender o Grande Sertão até conseguir a duras penas publicar algumas de suas obras.

Para chegar a tanto, Manoel Ambrósio foi ainda criança para Montes Claros das Formigas e retornou à sua cidade natal como professor de Primeiras Letras. Haja oportunidade para conversar sobre a trajetória desse homem e sua atenção para o Saber Viver! Quem sabe isto se torne exemplo para a gente prestar atenção no nosso viver cotidiano!!!



CADERNO DE RESUMOS

Organizadores

Ramiro Esdras Carneiro Batista

Pedro Borges Pimenta Júnior

Ana Paula Ribeiro Queiroz de Souza

Sumário

O EVENTO....13 // O AUTOR E A OBRA... 15 // CONFERÊNCIA E CONFERENCISTAS...

21. manoel ambrósio: velho mestre de minas.//25 *Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida* a linguagem em manoel ambrósio: espelho e reflexo de distintos falares..// 41 *Ros'elles Magalhães Felício //* manoel ambrósio: quando o sertão aprende a falar de si mesmo. 53 *José Moreira de Souza*

Por onde andamos

1º Simpósio Brasileiro de Folclore – Realização Casa de Santos Reis – Real Videos – Comissão Nacional de Folclore

Esses Anos da Peste reforçaram profundamente a já estudada "Sociedade em Redes". São milhões de efeitos resultantes de acessos à distância, embora todos eles tenham aprofundado motivos e valores já consagrados e muitos deles imaginados, desde as grandes Exposições Universais. Deve chamar nossa atenção, na área assim chamada da "Cultura" reniões virtuais com o nome de "Primeiro, ou Primeira". É exemplo o 1º Simpósio Brasileiro de Folclore idealizado pela Real Vídeos de São Paulo em parceria com a Casa de Santos Reis do Rio de Janeiro e a Comissão Nacional de Folclore.

Foi oportunidade para algumas centenas de pessoas assistirem a conferências de membros das Comissões Estaduais de Folclore sob coordenação da Comissão Nacional. Coube Minas Gerais a fala de nosso presidente, professor doutor Romeu Sabará fazer a apresentação de sua obra mais recente: *Antropologia e Folclore* e discorrer sobre teses que explicitam o Manifesto dos Folcloristas e nossos desafios vividos desde a criação das Comissões de Folclore e a Carta do Folclore Brasileiro aprovada no Iº Congresso Brasileiro de Folclore, no ano de 1951.

Doações Alice

A Comissão Mineira de Folclore recebeu como dádiva de nossa companheira Alice Inês Silva, oito caixas contendo obras preciosas de seu acervo. Esperamos – e por enquanto sonhamos – ter uma sede em que todas essas obras possam ser expostas para estudos atentos de amantes do Folclore. Em nosso sonho, imaginamos amplas salas em que estejam disponíveis as obras selecionadas segundo os autores doadores de cada acervo. Para cada um dos acervos haverá um bibliófilo atento às escolhas do doador. A sede de tudo isso terá o nome de "Centro de celebração de Minas". Cada visitante será atendido por um bibliófilo – pessoa que conhece o acervo e as preferências do doador.
Que isto quer dizer? Que toda leitora depende de uma rede de influenciadores. Há uma "tradição" na preferência a temas e a autores. Essa tradição consagra ou discrimina.
O texto abaixo saúde essa prenda.

Timeo hominem unius libri

Estou quase terminando a catalogação das obras oferecidas para compor o acervo da Comissão Mineira de Folclore oferecidas por nossa companheira Alice Ines Silva. Alice é uma criança nascida em Ponte Nova – MG que veio enfeitar nossa Comissão nos anos de 1970 com a competência de se credenciar na Universidade Federal de Viçosa. Aventuras da vida levaram-na aos brilhos na Universidade de Brasília. Agora, vivendo o "ócio com dignidade" aprecia o mundo do alto da cidade de João Pessoa.
Neste momento, abro a sétima caixa. Não há Apocalipse! É apenas a última caixa. Eis que surge-me à vista uma obra excepcionalmente encadernada com luxo publicada no ano de 1960 com o selo do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, cuja impressão foi autorizada pelo ministro José Carlos de Macedo Soares.
O título me encanta e as 742 páginas trazem-me espanto:
ESTUDOS E ENSAIOS FOLCLÓRICOS EM HOMENAGEM A RENATO ALMEIDA
Encanto e espanto. Vou conhecer Renato Almeida. Descubro Cosmos e Babel.

Por onde andamos

A obra se resume no título. Nenhum autor nos revela a senda da escolha do sentido dos cinquenta artigos, nem mesmo se conhece o credenciamento dos titulares de cada artigo e menos ainda a razão dos temas abordados. Acredita-se no Senso Comum dos eruditos!

Conforto: A obra se inicia com "apresentação" do "venerável" Rossini Tavares de Lima. "Um pouco da vida e da obra de Renato Almeida".

Oba! Parece-me ser este o caminho. Logo, porém, contudo, todavia, entretanto, o segundo artigo se mostra sem nome do autor com o título "A Glimpse at the life and work of Renato Almeida" e o terceiro: "Aperçu sur la vie et l'oeuvre de Renato Almeida" ! Ah! Agora entendo, é o mesmo artigo de Rossini, em inglês e francês.

Posso prosseguir. Prossigo e encontro. Autor: Wilhelm Giese. "Wassergefässe – Fragen des transports und trinkens". Uai ! é alemão e não se refere a Renato Almeida. Prossigo com mais alemão, alcanço espanhol, mais alemão, mais espanhol, mais francês e até português de Portugal. Ufa! Na página 579 encontro um artigo assinado por Joaquim Ribeiro. O título me surpreende: "Position of Renato Almeida in the study of Brasilian Folklore". Aí seguem Loureiro Fernandes, Câmara Cascudo, Luiz Heitor, Manuel Diégues Júnior, Maria de Lourdes Borges Ribeiro e Théo Brandão, todos escrevendo em bom Português vernáculo apresentam os próprios estudos sem jogar nenhuma flor ao homenageado! O mesmo já se dera com Edison Carneiro, Cecília Meireles e Guilherme dos Santos Neves. Exceção: Dante de Laytano assina artigo com o título lacônico: "Renato Almeida"p. 555-561.

Com isto me animo a prosseguir meu projeto de elaborar uma obra em parceria com nossa Edileila Portes cujo título já antecipo; "Os cegos e o elefante".

Finalizo com a curiosidade de ler a primeira obra de Renato Almeida publicada em 1922, elogiada por Mário de Andrade, e novamente publicada em 1951:

"FAUSTO, Ensaio sobre o Problema do Ser"

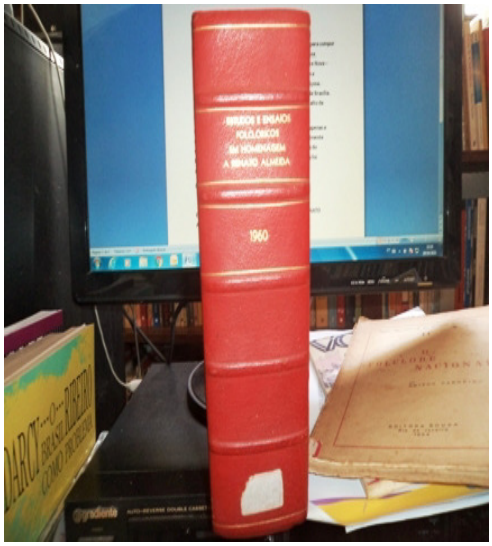
Essa é uma questão permanente! Lições da Primeira e da Segunda Guerra Mundial! Folclore pode ajudar e a lenda do Doutor Fausto, do século XVI nos alerta para a vigilância ao Saber Credenciado.

Se você não tem diploma, prezado leitor, faça logo seu pacto com o Diabo!

[Retifico pequeno engano. Em página pré-textual há informação que a obra resulta de recomendação feita no encerramento do Congresso Internacional de Folclore acontecido na Cidade de São Paulo – 1954 - para publicação comemorativa dos 60 anos de Renato Almeida. Rossini Tavares de Lima como Presidente Executivo recebeu a missão de apresentar o homenageado e providenciar a publicação. Curiosamente, passaram-se seis anos e simbolicamente a edição se concretizou no ano de 1960, quando o homenageado já celebrava seus 66...]

Acervos particulares incorporados à Comissão Mineira de Folclore

Origem Proprietário	Descrição sumária	Volumes estimados
Antônio Henrique Weitzel	Obras raras e demais obras da biblioteca pessoal . Serão entregues quando pudermos visitar o autor.	800 obras
Alice Inês Silva	Coleção completa da revista Brasileira de Folclore, e outras obras raras. Já fazem parte do acervo as que se encontravam em Viçosa e ainda deverá enviar outras do acervo de Brasília.	160 Outras a serem estimadas
Carlos Felipe de Melo Marques Horta	Obras em duplicata do próprio acervo, inclui Cds.	32
Antônio de Paiva Moura	Obras raras doadas em 2021- Outras obras do acervo pessoal	32 26
Sebastião Geraldo Breguêz	Obras doadas pela viúva após falecimento. Inclui esculturas, CDs e Dvs.	Quatro caixas totalizando 96 obras
Domingos Diniz	Obras doadas pela viúva após falecimento – inclui uma escultura símbolo da CMFL	12
Acervo José Moreira de Souza	Compreende obras raras doadas por autores do porte de Manoel Diégues Júnior, Oswaldo Rodrigues Cabral, José Fernando Souza e Silva, entre outros. Compreende também obras de Antropologia, coleção de estudos sobre escravidão.	2.000 volumes estimados
Washington Albino Peluso de Souza	Compreende 11 esculturas em madeira doadas pela viúva para compor a "Capela Washington Albino" do Centro de Celebração de Minas da CMFL	11 esculturas em madeira colhidas em Ubá e trabalhadas em Conselheiro Lafaiete.



Por onde andamos

17 de agosto: Secretaria Estadual de Turismo e Cultura promove o I Encontro Estadual de Equipamentos culturais

26 agosto: Mês do Folclore, conversa às 19:00.

Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte, Centro Cultural Salgado Filho.

Em tempos saudáveis, iniciamos a programação do Mês do Folclore e da Semana Mineira de Folclore, no Centro Cultural Salgado Filho. Nesses anos da Peste, deixamos para o último dia a conversa.

O principal assunto de hoje - encontro virtual pelo meet - será "Saber Viver em BH e Saber Fazer a Festa".

Menu da conversa.

No ano de 1901, Artur Azevedo visitou a juveníssima Belo Horizonte. Leiam um pedaço da crônica que publicou, cheio de encantos!!!

Em 1925 publicou-se um "Hinário Escolar" e em 1950, um "Cancioneiro Escolar". Vejam como nossas crianças eram encantadas para um dia verem uma cidade verdadeira.

Por último, vejam o poema que Pedro Nava publicou na "Revista Verde" de Cataguases para cantar Belo Horizonte e encantar o paulista Mário de Andrade. O poema foi escrito em 1926 e publicado em 1927.

Dá para reconhecer nossa Belo Horizonte em meio a essas celebrações encantadas?

Comentário:

No dia de ontem, encerramos nossa Conversa de Agosto sobre Folclore e Saber Fazer a Festa. Foi mais uma gentileza da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte - Centro Cultural Salgado Filho.

Em dado momento, nosso presidente, professor doutor Romeu Sabará interpelou minha fala questionando o emprego da expressão "Saber Viver e suas condições". Disse que estava escondendo o nome "Folclore". Tive grande dificuldade para aprender com essa interpelação. Contudo afirmei que essa expressão tem a ver com minha dificuldade de empregar o termo "Cultura" e as confusões derivadas nas políticas públicas.

As imagens abaixo resultam do que pude aprender.

Anuncio de Lúcia Tânia Augusto

Afinal, como se configura a arte brasileira a partir do ponto de vista da Oralidade? O que restou após passados cem anos de Arte Moderna.

20 setembro: Mauro Guimarães Werkema, Historia de Minas Gerais em 300 anos da Capitania: Origem e Trajetória

Enfim, tenho em mãos a grande obra de nosso companheiro, Mauro Guimarães Werkema, Historia de Minas Gerais em 300 anos da Capitania: Origem e Trajetória. Apreciei a capa, li apressadamente as orelhas, parti para o sumário e migrei para as "fontes bibliográficas. Vi as ilustrações, levantei e desci o livro e apreciei o peso. Não contente, passei a apreciar outra obra do autor publicada no ano de 2018. Ouro Preto na História. Protagonismos, paradigmas, revisões. Retornei à Historia de Minas Gerais em 300 anos e descobri que ainda havia outras sendas a percorrer. Mauro informa haver publicado, no ano de 2009 a obra Historia , arte e sonho na formação de Minas Gerais. Bela data de que se origina a Capitania de São Paulo e das Minas de Ouro.

Pois bem, de posse dessas informações, eu me ponho a imaginar uma escala de leitores dessas obras. Minha primeira imaginação coloca, de um lado os eruditos empenhados em celebrar nossas Minas e a "Capitania das Minas dos Matos Gerais". Não inventei este nome, li-o encantado em uma obra inédita – espero que o autor se devote a publicá-lo. É título da tese de doutorado do professor João Antônio de Paula. Minas dos Matos Gerais. Belo título para imaginar concentração de população e dispersão da população. Esses leitores eruditos cobrem uma ampla camada; desde professores de História, até os tomadores de decisão sobre o "caráter" mineiro ou a mineiridade.

Do outro lado, imagino algum curioso sem preocupação de credenciamento, residente em Fidalgo, Matias Cardoso, Morro Vermelho, Cata Preta, Bento Rodrigues, Inhaí, Moeda, ou quaisquer dessas paragens existentes no território de Minas Gerais. Em meio a meus delírios fixo a curiosidade de tal leitor de descobrir que há muita coisa acontecida muito além das conversas ouvidas nas rodas dos moradores locais.

Amplio minha imaginação para pensar num aluno do nível médio que, em alguma aventura, se depara com esse Historia de Minas Gerais em 300 anos. Curioso, leva para a sala de aula e argui o professor sobre assuntos tratados nessa obra. Que poderá ouvir como resposta? Não sei, nem vou imaginar.

Vejam agora, se esse aluno está interessado no ENEM! Logo, algum treinador dirá: Deixa isso pra- lá. No Enem o assunto é outro.

Por onde andamos

Minha conclusão – tomara que seja a mais equivocada – é que Mauro escreveu uma obra para nossa diversão. A leitura divertida exige desapego a alguma finalidade. Não duvido que os eruditos não perderão oportunidade de citá-la, mas isto é pouco, muito pouco. Afinal, Mauro se debruçou sobre centenas de obras para convidar o leitor a pensar o saber viver em nossas Minas Gerais e nossas contradições.

Montani semper Liberi!

Está escrito no monumento de saudação aos visitantes de Belo Horizonte – a Ouro Preto reescrita – para lembrança dos que antigamente entravam pela porta da capital. Eu saudaria o visitante com outro latim: Aurea prima sata est aetas!

Não é a montanha que nos torna aspirantes à liberdade republicana é a Idade do Ouro. Afinal ter às mãos a geração dos equivalentes gerais de troca – Ouro, puro ouro – determina a vida urbana plena.

É por esse caminho que iniciei minha leitura de Historia de Minas Gerais em 300 anos de nosso Mauro Guimarães Werkema, cantando as Minas de Ouro Preto.

---

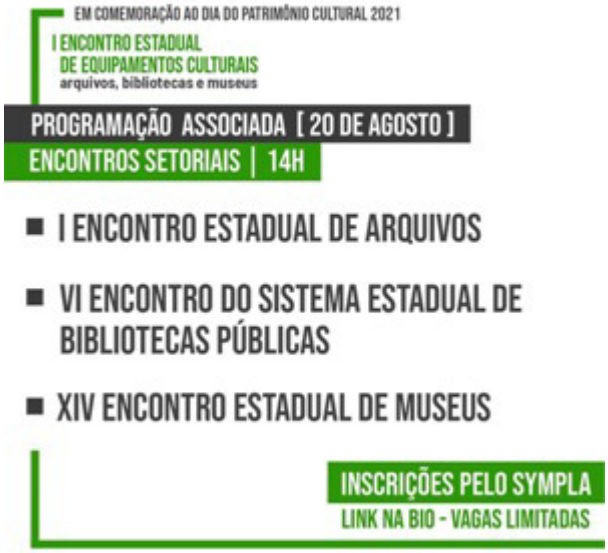
31 agosto: Luís Santiago em Cena

Nesta sexta-feira (03/09), às 19h, no ultimo episódio da primeira temporada do TOMANDO CONHECIMENTO, vamos conhecer um pouco mais da trajetória de um importantíssimo historiador e escritor do Vale, Luís Santiago, numa prosa com o também historiador e escritor Jô Pinto. Todos convidados!!!

24 de setembro Comissão Mineira de Folclore inicia, hoje, dia 24 de setembro, a roda de conversa preparatória para o Congresso Nacional de Folclore que acontecerá no próximo ano na cidade de São Luiz do Maranhão.

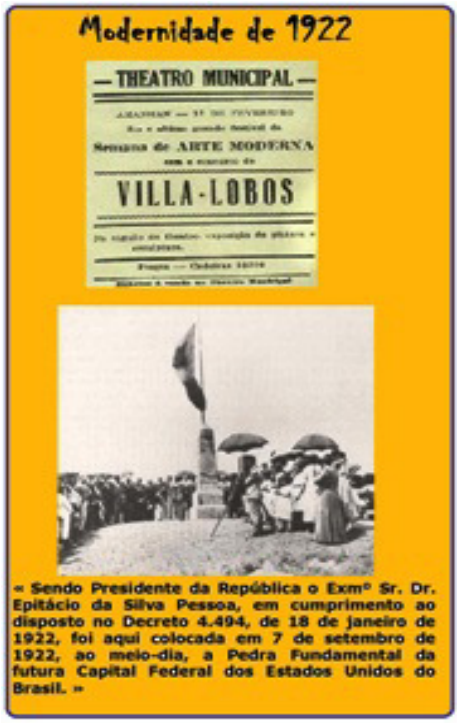
Outras para comentar

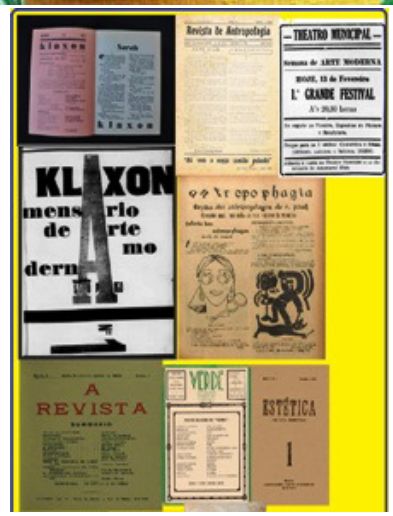
Outras para comentar



Por onde andamos

Nossas peripécias para celebrar a Semana de Arte Moderna.





Vai Acontecer.

Frei Leonardo Lucas Pereira celebrará 80 anos no dia 23 de março e nós com ele.

Nosso professor Antônio Henrique Weitzel celebrará os gloriosos 90 anos no dia 21 de abril. E nós com ele.

Revista da Comissão Mineira de Folclore
Ano 46 nº 36 - ISSN – 04
Tem: Semana de Arte Moderna e suas sementes. Vamos conversar com Graça Aranha, Renato Almeida, Mário de Andrade e os mineiros de "A Revista", a Revista Verde, A Leite Criôlo e a Acaiaca. Os fundadores da CMFL irão comparecer.

Agradecimentos:

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte
Fundação Municipal de Cultura

Prezados membros efetivos da Comissão Mineira de Folclore:
Atualizem seu compromisso com a manutenção da Comissão Mineira de Folclore conforme determina o Estatuto nos artigos 9 e 27 e o artigo 10 do Regimento.
Deposite sua anuidade na conta

Comissão Mineira de Folclore - CMFL
Banco Itaú - agência 3038
Conta: 01006-6
CNPJ. 21.854484/0001-06

CARRANCA
Órgão Informativo da Comissão Mineira de Folclore – CMFL
Número 01- 22– Janeiro - Março 2022.
Acessível em
www.folcloreminas.com.br

Diretor Responsável – Romeu Sabará da Silva
Fotos: membros da Comissão Mineira de Folclore
Editoração Gráfica: José Moreira de Souza

Diretoria da CMFL - 2021 - 2024
Presidente de Honra: Antônio de Paiva Moura
Presidente: Romeu Sabará da Silva
Vice-presidente: José Moreira de Souza
Secretário: Jacyara Edwiges Rosa de Araújo
Tesoureira: Greice Teixeira de Souza
Conselho Fiscal da CMFL
Luiz Fernando Vieira Trópia
Maria Agripina Neves
Madalena Maria Diniz Bastos

IMPRESSO

Remetente

Comissão Mineira de Folclore
Rua Pires da Mota - 202
Bairro Madre Gertrudes
CEP – 30512-760
Belo Horizonte - MG
E-mail: comissaomineiradefolclore2016@gmail.com